



reportagem

uma casa longe de casa



TEM DEZ QUARTOS, COZINHA EQUIPADA, UM TERRAÇO COM JARDIM E ESTÁ DE PORTAS ABERTAS AOS PAIS QUE MOREM FORA DE LISBOA MAS QUE, POR DOENÇA DOS FILHOS, SÃO OBRIGADOS A FAZER DO HOSPITAL D. ESTEFÂNIA UM SEGUNDO LAR. CHAMA-SE CASA RONALD MCDONALD E PROMOVE O BEM-ESTAR DAS CRIANÇAS E DAS SUAS FAMÍLIAS.

Texto de **Sónia Mendes de Almeida**

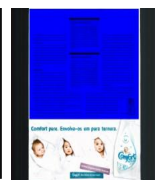
FUNDAÇÃO INFANTIL RONALD MCDONALD

Tudo cheira a novo no número 15 do Largo Conde Pombeiro, a cinco minutos a pé do Hospital D. Estefânia, em Lisboa. Com uma localização privilegiada, é aqui que vai passar a funcionar a primeira Casa Ronald McDonald em Portugal, um projecto que tem como objectivo a promoção e realização de iniciativas que contribuam para o bem-estar das crianças e das suas famílias. Perante a doença de um filho nada mais interessa que a sua recuperação. O que antes era importante – o emprego, a casa ou as contas por pagar – passa automaticamente para segundo plano e são muitos os pais que fazem deste hospital pediátrico uma segunda casa para acompanhar de perto o tratamento dos filhos. E é precisamente



a pensar em quem reside fora da capital que foi construída a Casa Ronald McDonald, uma casa longe de casa que oferece apoio às famílias e às crianças que se deslocam da sua residência habitual para receber tratamento hospitalar prolongado no Hospital D. Estefânia. «Nesta casa temos dez quartos, simples, duplos e triplos, onde poderão estar simultaneamente dez famílias. No total, temos capacidade para acolher 24 pessoas», explica

Ana Patacho, gestora da Casa Ronald McDonald. «Estamos preparados para acolher quer a mãe com um ou dois filhos, quer a mãe e o pai com outro filho além do que está em tratamento. Sabemos que nesta situação de doença as famílias acabam por ter algumas dificuldades financeiras uma vez que deixam



QUANTO CUSTA POR ANO

Cerca de um milhão e 500 mil euros foi o total investido na construção e equipamento da Casa Ronald McDonald, cuja primeira pedra foi lançada em 2005. «Agora precisamos de pensar na operação da casa e para isso estimamos que os custos rondem os 180 mil euros por ano, o que significa 18 mil euros por quarto, anualmente. Ou seja, diariamente cada família por cada quarto irá custar 50 euros, isto a pensar nos custos totais da casa», explica Ana Patacho.

UMA CASA COM HISTÓRIA

Filadélfia, 1974. Fred Hill, jogador de futebol americano, e a mulher foram surpreendidos com a pior notícia que alguém pode ter: a filha de três anos sofria de leucemia. Os momentos de angústia vividos nas cadeiras e bancos do hospital, onde testemunharam ainda o sofrimento de outros pais, fizeram com que reunissem esforços para construir a primeira Casa Ronald McDonald em Filadélfia. Passados 30 anos são já 275 as casas construídas perto de hospitais pediátricos espalhadas por 31 países e que contam com a dedicação de 30 mil voluntários.

os empregos e separam-se muitas vezes porque o pai fica com uma das crianças, enquanto a mãe está no hospital com a que está doente».

Na Casa Ronald McDonald tudo foi pensado para permitir às famílias manterem a sua vida habitual, como se estivessem na própria casa. «Pretendemos que tenham a sua intimidade e ao mesmo tempo capacidade para fazer uma vida normal, como cozinhar as próprias refeições, limpar a cozinha, lavar a roupa ou arrumar o quarto», explica Ana Patacho.

REGRAS

Se a estadia das famílias depende da duração dos tratamentos das crianças, já a selecção dos futuros residentes é da responsabilidade dos serviços sociais do Hospital D. Estefânia. É no primeiro piso que todos os moradores vão partilhar a cozinha, completamente equipada com frigoríficos, fogões e máquinas de lavar loiça. «Existem três ilhas pelas quais as dez famílias se vão repartir. Cada frigorífico e cada conjunto de armários será para duas famílias e vão estar devidamente assinalados. Cabe aos residentes comprarem os próprios alimentos uma vez que são eles que irão cozinhar», diz Ana Patacho.

Junto à sala de refeições foi criado um espaço de acolhimento onde são reveladas as regras de funcionamento da casa, bem como os direitos e deveres das famílias.

«Temos normas e regras, horários para as visitas e actividades com os voluntários, que podem preparar ateliers de cozinha, de

pintura ou até organizar visitas de interesse para as famílias. Mas tal como nas nossas casas, são os pais que têm o dever de cuidar dos próprios filhos», reforça a gestora.

Hélia Fonseca, que em 2001 ficou alojada numa Casa Ronald McDonald em Long Island, nos Estados Unidos, acredita que «é muito importante a construção de uma Casa Ronald McDonald em Portugal. Quando estive numa destas casa na América sentime como se estivesse em casa. O convívio com outras famílias e o conforto de um lar foram muito importantes naquela fase difícil. As boas recordações que tenho desse tempo foram vividas na casa».

No terceiro piso, por cima dos quartos decorados com tons suaves, está localizado um espaçoso terraço com jardim onde pais e crianças podem passar momentos agradáveis, longe do ambiente hospitalar.

Para Gentil Martins, neurocirurgião e cirurgião pediatra do Hospital de D.

Estefânia, «estas casas são absolutamente fundamentais para que as crianças, sobretudo depois dos tratamentos, possam ficar junto das suas famílias. Corresponde a ter um lar longe do lar. O tempo de hospitalização deve ser, sempre que possível, reduzido ao mínimo. E estas casas junto dos hospitais permitem que isso aconteça quando há necessidade de tratamentos prolongados». Um verdadeiro refúgio do hospital, 24 horas por dia, 365 dias por ano. ■